

Equipes que rompem e religam

Ineida Aliatti

(Hospital Psiquiátrico São Pedro, Ceapeg. aliatti@uol.com.br)

Sônia Maria da Rosa Beltrão

(Clínica Sensorial Tratamentos Complementares, Ceapeg sensorial@tratamentoscomplementares.com.br)

Este trabalho tem o objetivo de explicitar cenas de nosso cotidiano em equipes de trabalhadores em saúde mental e de refletir sobre a possibilidade de ressignificá-las à luz da transdisciplinaridade. São cenas em que os atores, representantes das diversas disciplinas que atendem o sujeito de forma integral e que interagem, participam de um processo paradoxal de constante fortalecimento das fronteiras disciplinares, impedindo a identificação dos diversos níveis de realidade, da lógica do terceiro incluído e da complexidade, opondo-se à emergência dos saberes transdisciplinares tão ambicionados. Mostramos que, nestas equipes, através de e num espaço de reflexão pode ocorrer formulação de questões inusitadas que rompem as fronteiras disciplinares e, conseqüentemente os jogos de poder, possibilitando reações de saberes e a construção democrática de novos conhecimentos. Outro aspecto contemplado é a abertura para o estranho que, quando implica na mudança do paradigma vigente, pode possibilitar a consagração de novos tratamentos complementares para o sujeito em sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Equipes, Transdisciplinaridade, Espaço de reflexão, Mudança de paradigma, Tratamentos complementares.

Introdução

Tão logo soubemos que nosso trabalho tinha sido aceito e que estava incluído no grupo dos trabalhos que abordariam a *atitude transdisciplinar*, tratamos de buscar em Nicolescu (2000, p.144) tal conceito com a intenção de enriquecer a introdução deste trabalho, dizendo que “a atitude transdisciplinar pressupõe tanto pensamento como a experiência interior, tanto a ciência como a consciência, tanto a efetividade como a afetividade. [...] a aptidão para preservar esta postura, orientada para a densificação da informação e da consciência caracteriza a atitude transdisciplinar.”.

Na tentativa de melhor construir nosso raciocínio, salientamos que atitude, etimologicamente, significa uma postura (cujo oposto significa impostura, comportamento do impostor ou da impostora). Atitude transdisciplinar implica em reconhecer a existência de diferentes níveis de realidade, regidos por diferentes lógicas. Atitude transdisciplinar é uma disposição a manter uma direção constante na travessia dos diferentes níveis de Realidade (social) e dos diferentes níveis de percepção (individual), diante de qualquer complexidade de situação ou dos acasos da vida (Nicolescu et al, 2000). Afetividade e efetividade, atributos da atitude transdisciplinar, garantem a nossa competência de ação no mundo e na vida coletiva, enquanto povo, nação e humanidade.

Como se pode ver, a ação transdisciplinar, no caso a terapêutica transdisciplinar, não surge de um único indivíduo, muito antes pelo contrário, de vários saberes, de várias origens, de múltiplas dimensões, de muita complexidade. Dar conta de ações transdisciplinares pode ser sinônimo de trabalho de grupo, organizado ou não em equipe.

Nosso trabalho versa sobre equipes que rompem e religam... Rompem vínculos interpessoais, intra e transpessoais e refazem ligações em diversos níveis de realidade, usam a lógica do terceiro incluído e respeitam a complexidade do universo. Entendemos, portanto, que transdisciplinaridade requer trabalho de equipe. Mas afinal, o que é uma equipe? Caracterizamos trabalho de equipe aquele em que as pessoas com diferentes habilidades, talentos, experiência e formação reúnem-se para um propósito compartilhado ou uma meta comum; quando as pessoas precisam de outras pessoas para atingir os seus objetivos.

O trabalho de equipe – alcançar o propósito ou a meta – beneficia a todos os seus integrantes, direta ou indiretamente. Talvez o trabalho de todos se torne mais fácil ou mais satisfatório, a organização se aprimore, ou cada pessoa simplesmente se divirta e aprenda alguma coisa no processo. Em equipes que funcionam bem, seus integrantes vêem rapidamente o benefício para si próprios, ficando comprometidos com a maneira como a equipe trabalha e com a qualidade das coisas que a equipe faz (Maggin, 1996).

Uma equipe é um grupo de pessoas trabalhando juntas para atingir uma meta em que todos acreditam, a qual seria difícil, ou até mesmo impossível, de ser atingida por pessoas trabalhando sozinhas. Equipes dão oportunidade para as pessoas crescerem e aprenderem, sabendo que contribuíram para cada mudança. As equipes são sempre interdisciplinares, independentemente de quererem ou saberem que o são.

A seguir, explicitamos situações cotidianas nas nossas equipes de trabalho que nos ajudaram a compreender, na prática, a transdisciplinaridade.

Situação 1

Durante as discussões clínicas a respeito dos sujeitos em atendimento na clínica X, localizada em Porto Alegre, os membros da equipe de profissionais, oriundos de diversas disciplinas das áreas da saúde e educação, são chamados a explicitar e justificar suas condutas terapêuticas, a fim de construir um pensamento, uma compreensão interdisciplinar da situação clínica em questão com o intuito de melhor assistir sua clientela. É freqüente construir um raciocínio e uma terapêutica que está entre as disciplinas, que circula através das diferentes disciplinas e situa-se muito além de cada disciplina, a que denominamos de terapêutica transdisciplinar, que em outros referenciais até poderia ser chamada de holística. Há uma concordância e uma valorização desta maneira de trabalhar, sendo considerado pela equipe que esta modalidade de tratar é um diferencial de qualidade da clínica, dentre seus pares.

No entanto, nestas mesmas reuniões e com estes mesmos profissionais, muito freqüentemente, somos surpreendidos por atitudes eminentemente disciplinares, evidenciadas por expressões, tais como: *“mas isso não é da minha área”*, *“mas isso eu não tenho que saber”*, *“eu não vou opinar sobre o que eu não entendo”*, *“eu não vou mentir para o paciente”*, dentre outras. O tom de voz em que estas expressões são ditas, apontam para uma indignação com o movimento necessário para alcançar a visão do outro, um certo comodismo na disciplina. Ainda que o exercício clínico das medicinas e da psico-educação em clínica médica apele cada vez mais pela *“habitação destas terras de ninguém”*, causa de tantos erros médicos por negligência, pensamos que ainda não nos acostumamos a pensar de maneira transdisciplinar. Pelo menos, por enquanto, parece não estar presente no mundo interno de muitos profissionais esta forma de pensar, de maneira corrente e coerente.

Entretanto, observamos que profissionais familiarizados com a compreensão da complexidade assumem espontaneamente atitudes transdisciplinares e, pensamos que, por isso, podem exercer uma influência benéfica sobre os demais, ajudando-os a repensar sobre suas falas defensivas e autoprotetoras, calcadas nos saberes disciplinares. Conseguimos dar valor a esta maneira de pensar e de fazer quando nela reconhecemos a mais bela forma de aprender a conhecer, de aprender a fazer, de viver em conjunto e de aprender a ser. O gosto pelo saber, pelo conhecimento, surge no momento em que vislumbramos uma harmonia, uma coesão, uma unidade nos nossos conhecimentos sobre todo o universo.

Pensamos também que é no âmago dos grupos e das equipes que surge a prática transdisciplinar, porque também nós acreditamos que a formação pessoal e profissional *“... de uma pessoa passa, inevitavelmente, pela dimensão transpessoal”* (Nicolescu, 2000, p.151).

As pontes entre os diferentes saberes, entre os saberes e seus significados para a vida prática e reconhecimento das capacidades pessoais, levam esta equipe a religar-se a cada dissolução das fronteiras disciplinares, pelo prazer de se sentir usando o máximo de seu potencial criativo. É, pois, na medida em que seus membros reconhecem, na sua flexibilidade, no seu crescimento e

aproveitamento de potencialidades interiores, no seu exercício da criatividade e da autenticidade, que podem validar e respeitar as normas da coletividade. A harmonia nas equipes também surge quando reconhece que o questionamento faz parte da prática transdisciplinar. Em relação a este aspecto, em especial, notamos que muitas vezes, o questionamento vem do nosso estagiário, que por não possuir um robusto conhecimento disciplinar ou uma atitude viciada ou por curiosidade pessoal ou científica, jogando-nos na busca de respostas que estão entre, através e além de todas as disciplinas, numa atitude absolutamente transdisciplinar cuja finalidade “est la compréhension du monde présent, dont un dês impératifs est l’unité de la connaissance” (Nicolescu, 1996, p.66).

Para terminar, salientamos que enxergamos na transdisciplinaridade a possibilidade de se promover a paz, na medida em que reduz a competição, a disputa de poder e cria a possibilidade de uma nova tolerância, equilibrada, democrática e solidária - sagrada. Isto porque precisamos cada vez mais do outro para compreender a complexidade do nosso universo, que veio se instalar no coração da fortaleza da simplicidade. A simplicidade “desabou sobre o peso da complexidade, presente em toda a parte, em todas as ciências exatas e humanas, rígidas ou flexíveis”. (Althoff et al, 2003, p.19).

Situação 2

Durante um processo de reflexão com uma equipe de saúde mental, houve um momento em que seus membros exigiram uma posição de maior “comando” por parte da coordenadora, isto é, que ela exercesse um controle sobre a execução das combinações decididas pela equipe e uma intervenção pessoal para aqueles que não haviam cumprido com o combinado. Esta referiu que as decisões seriam obtidas a partir das discussões da equipe e que seus membros deveriam não só cumprir com as combinações sem o seu “comando”, como também deveriam ser responsáveis pelo desempenho da equipe como um todo.

Na reflexão, após a expressão dos sentimentos e opiniões da coordenadora e dos membros da equipe e de comentários inusitados, inesperados para os próprios membros da equipe, puderam refletir sobre o seu pensar e o seu fazer, percebendo a tentativa de retroceder ao modelo disciplinar. Os membros da equipe, por seu lado, na medida em que fragmentaram a equipe e limitaram-se a esperar do outro a competência da mesma; e a coordenadora, por seu turno, ao deixar o grupo sem liderança, na expectativa de que todos pudessem exercer esta função, acreditavam estar correspondendo a uma atitude transdisciplinar, eliminando a função de cada disciplina. Ao pensar no papel do coordenador desta equipe, pensamos no que disse Nicolescu (2002) sobre a concepção do universo como um todo em movimento, em que esta unidade não é estática. Também nas equipes, a unidade implica em diferenciação, diversidade, aparição de níveis hierárquicos, aparição de sistemas relativamente independentes, imperceptíveis à coordenadora naquele momento.

No entanto, a despeito de uma intencionalidade de praticar a transdisciplinaridade, no dia-a-dia da equipe, reiteradamente, havia um retorno ao paradigma disciplinar, provavelmente pela influência de uma “modelagem clássica educacional” do século passado, em que se decompunha o todo, centrava-se nas partes e reduzia-se o conhecimento pela unilateralidade da visão e da ação (Weil, 1993).

Nesta situação, podemos perceber que na função educativa do processo reflexivo, podemos “... criar, nutrir, cultivar as coisas boas que existem no ser humano (capacidades, habilidades, tendências, sensibilidades, racionalidades, responsabilidades, entre tantas outras)...” e agir “... no sentido de conscientizar as pessoas a fazerem uso de todas essas condições para ser mais solidárias, críticas e competentes” (SOUZA & FOLLMANN, 2003, P.77).

Situação 3

Ao realizarmos consultoria a uma equipe de um Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, percebemos que em cada reunião eram levantadas as questões – “*quem vai fazer o quê*”, “*qual a abordagem*”, “*qual o referencial teórico*”, “*como resolver as situações do dia a dia da equipe*”,

“como resolver os conflitos intra equipe e extra equipe”. São temas corriqueiros a serem discutidos e, ao mesmo tempo, com pronta necessidade de resolução.

Os membros da equipe, pretendendo trabalhar no referencial das equipes transdisciplinares, dispunham-se a discutir “tudo de tudo”. Ao mesmo tempo em que esta atitude enriquecia a discussão conjunta, também era realizada de forma pouco resolutiva, ficando sempre os assuntos pendentes para a próxima reunião. O que era resolvido em consenso, não era levado à ação e a mesma discussão retornava na reunião seguinte, ficando assim estagnadas as ações dos membros da equipe, da equipe como um todo e a sua competência. Esta situação incomodava a todos os membros que tentavam, com esforço e sofrimento, modificar esta condução da equipe. Nestes momentos, surgem conflitos e a equipe se auto destrói e se rompe. Na medida em que este grupo passou a refletir, em reuniões de consultoria, começaram a perceber que a não resolutividade, resultava em permanecer cada um centrado em seu saber disciplinar. Além disso, quando conseguiam estabelecer uma resolução, o fazer não acontecia. Supomos que, neste momento, cada um esperava que o outro assumisse este fazer. Isto era vivenciado por cada membro da equipe com muito sofrimento, pois o trabalho em saúde mental coletiva implica na circularidade necessária entre as disciplinas, de forma multi, inter, pluridisciplinar com consciência do olhar transdisciplinar (flechas de um único e mesmo arco – o do conhecimento). Ter este olhar é perceber sua realidade multidimensional e multirreferencial. Com este exemplo, vislumbramos, que a partir da harmonização dos saberes, a equipe, os atores do processo são um novo sujeito, um sujeito transdisciplinar, na sua nova concepção que emerge da metodologia transdisciplinar – é um sujeito em constante descoberta.

Então, quando a equipe discute, debate efetiva e afetivamente, com consciência, está na zona de não resistência, em que o objeto e o sujeito transdisciplinar podem conviver. Há, assim, um religamento entre sujeitos da equipe e o objeto, o trabalho.

Considerações finais

Diante da possibilidade da morte do homem e do fim da história, surge a transdisciplinaridade como uma esperança de manutenção da vida no planeta, em sua tripla dimensão – biológica, material e espiritual (Nicolescu, 1996, p. 13). A transdisciplinaridade possibilita a percepção do sujeito integral e a necessidade de um novo modelo de educação que contemple: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

Esta consciência crescente, de que a vida de nosso planeta está ameaçada pelo comportamento autodestrutivo do próprio homem, tem exigido esta nova abordagem educacional que promove uma reflexão sobre todas as dimensões do ser humano, buscando uma equidade entre intelecto, sensibilidade e corpo. Além disso, o desequilíbrio acelerado entre as estruturas sociais contemporâneas e as mudanças vertiginosas que estão acontecendo no mundo atual, especialmente em função do desenvolvimento da informática e das negociações internacionais, que provocam uma desarmonia entre os valores e as realidades de uma vida planetária em mutação, não é mais possível ter uma visão unilateral e ingênua dos fenômenos ecológicos.

Uma equipe de saúde mental, diante do sujeito com sofrimento psíquico, na lógica do terceiro incluído, não o vê como sadio ou louco, mas como um ser complexo dono de seu intelecto, de sua sensibilidade e de seu corpo. Qualquer fazer terapêutico, numa abordagem transdisciplinar, respeitará suas diferenças em sua totalidade (cultura, tradição, religiosidade, etnia), buscando a harmonia entre os níveis de realidade e os níveis de percepção dos membros da equipe. A terapêutica transdisciplinar, portanto, é uma estrutura aberta, que não se considera completa e fechada em si mesma, passível de modificações e capaz de construir conhecimento.

A transdisciplinaridade implica num aprender continuado, visto que o saber não se dá por acabado, deixando em aberto novas possibilidades de compreensão de um objeto transdisciplinar, não só pela própria criatividade dos sujeitos transdisciplinares, como também pelo bombardeio constante de conhecimentos emergentes. Nesta medida, o trabalho em equipe transdisciplinar possibilita o exercício da atitude transdisciplinar, entendida como uma disposição ao diálogo e à

busca da harmonia entre o objeto e o sujeito, isto é, uma harmonia entre o espaço exterior da efetividade e o espaço interior da afetividade. Transpondo para o trabalho de equipe as palavras de Nicolescu (2000) sobre a efetividade e afetividade, pensamos que a reflexão sistemática sobre o saberes e ações de cada um e de todos promove e/ou mantém esta harmonia. E com a inclusão da afetividade abandona-se o princípio da eficiência pela eficácia e a competência deixa de ser a simples soma dos conhecimentos disciplinares com seus espaços vazios para ser um todo repleto de saberes transdisciplinares. Enfim, são as tendências que vêm do interior e do exterior das disciplinas que tornam a transdisciplinaridade uma necessidade orgânica. (Marcus, 1994, p.58).

Referências Bibliográficas

- ALTHOFF, F. et al. Transdisciplinaridade em Basarab Nicolescu. In: SOUZA, L.M.L. et al. *Transdisciplinaridade e Universidade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 19.
- MAGINN, Michel D. *Eficiência no Trabalho em Equipe*. São Paulo, Editora Nobel, 1996.
- MARCUS, S. Vers une approche transdisciplinaire du temps. In: CAZENAVE & NICOLESCU. *L'homme la science et la nature – regards transdisciplinaire*. France: Editions Le Mail, 1994. p. 58
- NICOLESCU, B. Une nouvelle vision du monde – la transdisciplinarité. In: _____ *La transdisciplinarité – manifeste*. França: Édition Du Rocher, 1996. p. 66.
- NICOLESCU, B. A prática da disciplinaridade. In: NICOLESCU, B. et all. *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília: Editora UNESCO, 2000, p.139-152.
- NICOLESCU, B. *Nous la particule et le monde*. França: Édition Du Rocher, 2002. p. 113.
- SOUZA, L.M.L. et al. *Transdisciplinaridade e Universidade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 77.
- WEIL, P. et all. *Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento*. São Paulo: Summus, 1993.p.132.